



Artigo Periódico publicado em: Sinapsys.News

Disponível em: Jornal Gazeta de Limeira – Ano: 30 de março de 2025

Estudos de Psicanálise | Limeira-SP | N. 07 | p. 06 | Abril/2025

Palavras-Chave: Psicanálise, Autismo, Infância, Adolescência

Aprovado pelo comitê de ensino-pesquisa em: 10 de abril de 2025

A PSICANÁLISE E O ESPECTRO DO AUTISMO

Dr. Richard Munhoz

Sarah Munhoz

Jornal Gazeta de Limeira

30 de Março de 2025

O que é o Autismo para a Psicanálise?

Na visão psicanalítica, o autismo é entendido como uma condição que se manifesta, principalmente, como uma dificuldade no estabelecimento de vínculos afetivos e na comunicação com o mundo externo. Sigmund Freud e outros psicanalistas perceberam o autismo como um distúrbio relacionado a um fechamento do indivíduo em seu próprio mundo psíquico, como uma defesa contra ansiedades emocionais intensas e difíceis de lidar. Esse isolamento seria uma tentativa de proteger a criança de experiências emocionais que ela não consegue processar ou integrar.

A psicanálise também aponta que o autismo pode ser resultado de falhas precoces nas relações de objeto, ou seja, na relação inicial entre a criança e suas figuras parentais ou cuidadores. A teoria sugere que, quando essa relação não se estabelece de forma saudável, a criança pode se voltar para dentro de si mesma, como uma forma de evitar o sofrimento causado pela ausência de uma troca emocional satisfatória. No entanto, essa abordagem psicanalítica tem sido amplamente criticada, e muitas outras teorias, como as neurobiológicas e comportamentais, oferecem explicações alternativas para o autismo.



Quais os principais sintomas e a partir de qual idade podemos observar comportamentos autísticos no paciente?

Os principais sintomas do autismo incluem dificuldades na comunicação verbal e não verbal, comportamento repetitivo e restrito, e desafios em interações sociais. Crianças com autismo podem ter dificuldade em estabelecer e manter relações, mostrar interesse limitado em atividades sociais, como brincar com outras crianças, e apresentar respostas emocionais atípicas. Além disso, podem desenvolver comportamentos repetitivos, como movimentos estereotipados (por exemplo, balançar o corpo ou bater as mãos) e resistência a mudanças na rotina. O autismo também pode se manifestar com hipersensibilidade ou hipossensibilidade a estímulos sensoriais, como sons ou texturas.

Os sinais de autismo podem ser observados geralmente antes dos 3 anos de idade, embora o diagnóstico definitivo seja frequentemente feito entre 2 e 4 anos. Nos primeiros meses de vida, algumas crianças podem apresentar atrasos no desenvolvimento da fala, nos contatos visuais e na resposta a interações sociais. À medida que a criança cresce, as dificuldades na comunicação e no comportamento social tornam-se mais evidentes, o que permite uma identificação mais clara do transtorno.

Quais são as dificuldades que os pais encontram quando se deparam com a educação de um filho autista?

Os pais de crianças autistas enfrentam diversas dificuldades ao lidar com a educação e o cuidado dos filhos. Uma das principais dificuldades é a adaptação às necessidades especiais da criança, como a comunicação limitada, a resistência a mudanças e os comportamentos repetitivos. Isso pode tornar o processo de socialização e aprendizado mais desafiador, além de exigir maior paciência e estratégias específicas para cada criança. Muitas vezes, os pais também precisam lidar com a frustração de não conseguirem compreender ou atender às necessidades emocionais e comportamentais da criança, o que pode gerar estresse e insegurança.

Além disso, os pais frequentemente enfrentam o desafio de buscar apoio adequado, como terapias e recursos educacionais especializados, que podem ser caros e difíceis de acessar. Em muitos casos, o sistema educacional tradicional não está preparado para oferecer uma abordagem personalizada para crianças autistas, o que leva os pais a



lutar por uma educação inclusiva ou adaptada às necessidades do filho. A preocupação com o futuro do filho, o impacto nas relações familiares e a falta de compreensão da sociedade em relação ao autismo também são questões que podem gerar sentimentos de isolamento e dificuldades emocionais para os pais.

Quais as expectativas que os pais e professores podem ter em relação ao desenvolvimento do sujeito autista?

À luz da psicanálise, as expectativas de pais e professores em relação ao desenvolvimento de um sujeito autista devem ser cuidadosamente ajustadas, levando em consideração o contexto psíquico específico da criança. Freud (1924, *Introdução ao Narcisismo*) e seus seguidores sugerem que a criança autista, ao se fechar em seu mundo interno, busca uma forma de defesa contra um sofrimento emocional precoce, que pode ter relação com falhas no estabelecimento da primeira relação de objeto. Nesse sentido, tanto os pais quanto os professores devem ter expectativas que respeitem o tempo do sujeito, evitando pressões excessivas para uma normalização ou socialização imediata. A psicanálise enfatiza a importância de criar um ambiente seguro, onde a criança se sinta protegida e gradualmente possa expandir suas habilidades de comunicação e de interação com os outros. Como resultado, as expectativas devem ser direcionadas para um progresso gradual, mais focado em facilitar o acesso ao mundo emocional e social, do que em mudanças comportamentais imediatas.

Segundo Donald Winnicott (1958, *O Ambiente e os Processos de Maturação*), um psicanalista importante no estudo das relações precoces, a criação de um ambiente suficientemente bom é crucial para o desenvolvimento da criança, incluindo a criança autista. Nesse contexto, pais e professores precisam ter expectativas realistas sobre o tempo e a forma como a criança irá se desenvolver, respeitando sua singularidade. Eles devem ser capazes de fornecer o suporte necessário, enquanto compreendem que a criança pode não se desenvolver de maneira linear ou convencional. A intervenção psicanalítica, ao trabalhar com esses sujeitos, visa facilitar a expressão de emoções e significados que, muitas vezes, ficam encapsulados, ajudando na construção de uma ponte simbólica entre o autista e o mundo externo.



Portanto, é fundamental que pais e professores, compreendam que as expectativas em relação ao desenvolvimento de uma criança autista não devem se basear em uma comparação com crianças neurotípicas. Ao invés disso, elas precisam focar em facilitar um espaço de desenvolvimento emocional que seja respeitoso e acolhedor. De acordo com o conceito de "*relacionamento de objeto*" da psicanálise, o progresso do autista está ligado à sua capacidade de estabelecer vínculos afetivos e elaborar as experiências, mesmo que de forma singular e não convencional. Assim, é necessário que pais e educadores adotem uma abordagem paciente e empática, que reconheça o sujeito autista como alguém com um potencial único de desenvolvimento, dentro dos limites e condições que ele possa atingir no seu próprio tempo (Meltzer, 1994, *O Autismo: Teoria e Técnica Psicanalítica*).

Para psicanalistas contemporâneos, de que forma o autismo é visto?

O autismo é muitas vezes visto como uma condição que envolve tanto uma dificuldade de simbolização quanto a incapacidade de estabelecer uma comunicação eficaz com o outro. A noção de "afeto" e "reconhecimento" nas primeiras relações humanas, tal como é vista na teoria de Winnicott, pode ser reconsiderada em termos das dificuldades neuropsicológicas que muitas crianças autistas enfrentam para processar estímulos sensoriais e sociais de maneira convencional. Nesse sentido, os psicanalistas contemporâneos reconhecem a complexidade do autismo, com sua expressão variada que envolve tanto aspectos biológicos quanto psicossociais.

A compreensão psicanalítica do autismo à luz da contemporaneidade, portanto, não pode mais se apoiar exclusivamente em noções de falhas nas relações familiares, mas precisa integrar os avanços da neurociência e a compreensão de que o autismo é um transtorno multifatorial. Hoje, muitos psicanalistas reconhecem que a intervenção deve ser multidisciplinar, incluindo abordagens que considerem os aspectos neurobiológicos e, ao mesmo tempo, ofereçam uma escuta sensível às questões emocionais e psíquicas das crianças com TEA e suas famílias.

A psicanálise, com sua ênfase na singularidade do sujeito e no processo de subjetivação, pode oferecer uma valiosa contribuição ao entender o autismo não como



uma falha, mas como uma condição que exige novas formas de reconhecimento, cuidado e apoio.

Nos últimos anos, o diagnóstico de TEA tem se tornado cada vez mais comum em diversos contextos. A que isso pode ser atribuído?

Pode ser atribuído, em parte, ao maior conhecimento científico sobre o transtorno, à evolução dos critérios diagnósticos e ao maior acesso a serviços especializados. Porém, esse crescimento também provoca reflexões acerca das influências culturais e das mudanças nos parâmetros de saúde mental. A psicanálise, enquanto uma das abordagens teóricas mais tradicionais no campo da psicologia, oferece uma perspectiva única sobre o autismo, que não deve ser desconsiderada nas discussões contemporâneas.

Qual a importância da relação família x escola ao sujeito com o espectro autístico?

A relação entre a família e a escola é de extrema importância no desenvolvimento de sujeitos com o espectro autístico, pois ambas as instituições desempenham papéis cruciais na construção da subjetividade da criança. Segundo Donald Winnicott (1958, *O Ambiente e os Processos de Maturação*), a "*função materna*" e o conceito de "*ambiente suficientemente bom*" são fundamentais para a integração emocional da criança com o mundo externo. No caso do autismo, o ambiente familiar e escolar deve ser especialmente cuidadoso e acolhedor, oferecendo segurança e consistência, o que favorece a confiança do sujeito na relação com os outros. A família, ao ser o primeiro espaço de socialização, deve estar em sintonia com a escola para garantir que o processo de comunicação e a troca emocional com a criança autista aconteçam de maneira fluida e respeitosa, ajudando a criança a se engajar no processo de aprender e se expressar.

Além disso, a psicanálise destaca a importância de um trabalho conjunto entre família e escola, pois essas duas esferas devem se alinhar em relação ao entendimento das necessidades e dificuldades da criança autista. Quando há uma comunicação aberta e colaborativa, isso facilita a criação de estratégias adequadas para o desenvolvimento emocional e cognitivo do sujeito. A troca constante de informações entre os pais e os educadores possibilita uma compreensão mais profunda do mundo interno da criança, o que é essencial para que tanto o ambiente familiar quanto o escolar possam oferecer as



intervenções adequadas. A integração entre essas duas esferas, quando bem estruturada, promove um espaço mais harmônico e efetivo para o desenvolvimento da criança com autismo, respeitando seu ritmo e suas particularidades (Meltzer, 1994, *O Autismo: Teoria e Técnica Psicanalítica*).

SOBRE OS AUTORES:

Richard Stefanini Munhoz

Dr. Richard Munhoz é psicanalista Clínico e Infantil, especialista em Análise e Interpretação do Desenho, psicopedagogo, neuropsicopedagogo, mestre e doutor em Ciências Médicas. Autor do livro “Análise e Interpretação dos Desenhos – Utilização dos testes projetivos nas clínicas psicanalítica e psicopedagógica” (Wak Editora).

Sarah Alves Munhoz

Psicanalista Clínica e Infantil. Especialista em Análise e Interpretação do Desenho – Testes Projetivos e Sandplay Therapy – Psicologia Analítica. Cursos de aprofundamento nas áreas da Psicologia aplicada à teoria psicanalítica. Psicopedagoga Clínica e Institucional. Técnica em assistente administrativo. Especialista em Neuropsicologia, transtornos depressivos e ansiosos e PNL. Co-Autora do livro “Análise e Interpretação dos Desenhos – Utilização dos testes projetivos nas clínicas psicanalítica e psicopedagógica” (Wak Editora).

ENDEREÇO POR CORRESPONDÊNCIA:

Rua: Tatuíbi, 285 – Vila Paulista – Limeira-SP
Cep: 13.484-050
E-mail: ebpf.ned@gmail.com